

**Esporte**

# **Delas**

**Empoderamento, inclusão  
e permanência de meninas  
e mulheres no esporte**

**2**

**MÓDULO**



**O esporte como espelho da sociedade:  
corpo feminino e estereótipos**

**CAROLINA FARIAS MORAES**

## FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA (FDR)

### **Presidente**

Luciana Dummar

### **Diretor Administrativo-Financeiro**

André Avelino de Azevedo

### **Gerente-Geral**

Marcos Tardin

### **Gerente Editorial**

Lia Leite

### **Gerente de Marketing e Design**

Andrea Araújo

### **Gerente de Audiovisual**

Chico Marinho

### **Gerente de Projetos**

Raymundo Netto

### **Analistas de Projetos**

Aurelino Freitas e Fabrícia Góis

### **Analista de Contas**

Narcez Bessa

## UNIVERSIDADE ABERTA DO NORDESTE (UANE)

### **Gerente Educacional**

Prof. Dr. Deglaucy Jorge Teixeira

### **Coordenadora Pedagógica**

Profa. Ms. Jôsy Braga Cavalcante

### **Coordenadora de Cursos e Secretária Escolar**

Esp. Marisa Ferreira

### **Desenvolvedora Front-End**

Isabela Marques

### **Estagiárias em Mídias e Tecnologias para Educação**

Ágata Ribeiro e Rebeca Azevedo

### **Estagiária em Pedagogia (Secretaria Escolar)**

Arielly Ribeiro

### **Estagiários em Letras**

Lucas Gomes Gonçalves

Matheus Coutinho Dias

Wesley Militão Fernandes Mendes

## **ESPORTE DELAS: EMPODERAMENTO, INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE MENINAS E MULHERES NO ESPORTE**

### **Concepção e Coordenadora Geral**

Valéria Xavier

### **Coordenadora de Conteúdo**

Daiany França Saldanha

### **Coordenadora Editorial**

Lia Leite

### **Revisora**

Jessika Sampaio

### **Projeto Gráfico e Editora de Design**

Andrea Araujo

### **Designer Gráfico**

Welton Travassos

### **Ilustrador**

Rafael Limaverde

### **Analista de Marketing**

Henri Dias

### **Analista de Projetos**

Daniele de Andrade

### **Social Media**

Letícia Frota

**Este fascículo digital é parte integrante do projeto Esporte Delas: empoderamento, inclusão e permanência de meninas e mulheres no esporte, em decorrência do IV Edital de Projetos Desportivos e Paradesportivos – Incentivo ao Esporte Cearense. Processo no 00009.653430/22.**

# SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>5</b>
<b>1 Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>2. Conceitos de gênero e estereótipos .....</b>	<b>8</b>
<b>3. Como os estereótipos de gênero impactam a vida das mulheres no esporte? .....</b>	<b>10</b>
<b>4. Estratégias para combater estereótipos de gênero no esporte.....</b>	<b>16</b>
<b>5. O caso Tiffany e o além do binário .....</b>	<b>19</b>
<b>Referências.....</b>	<b>23</b>
<b>Sobre a autora .....</b>	<b>25</b>

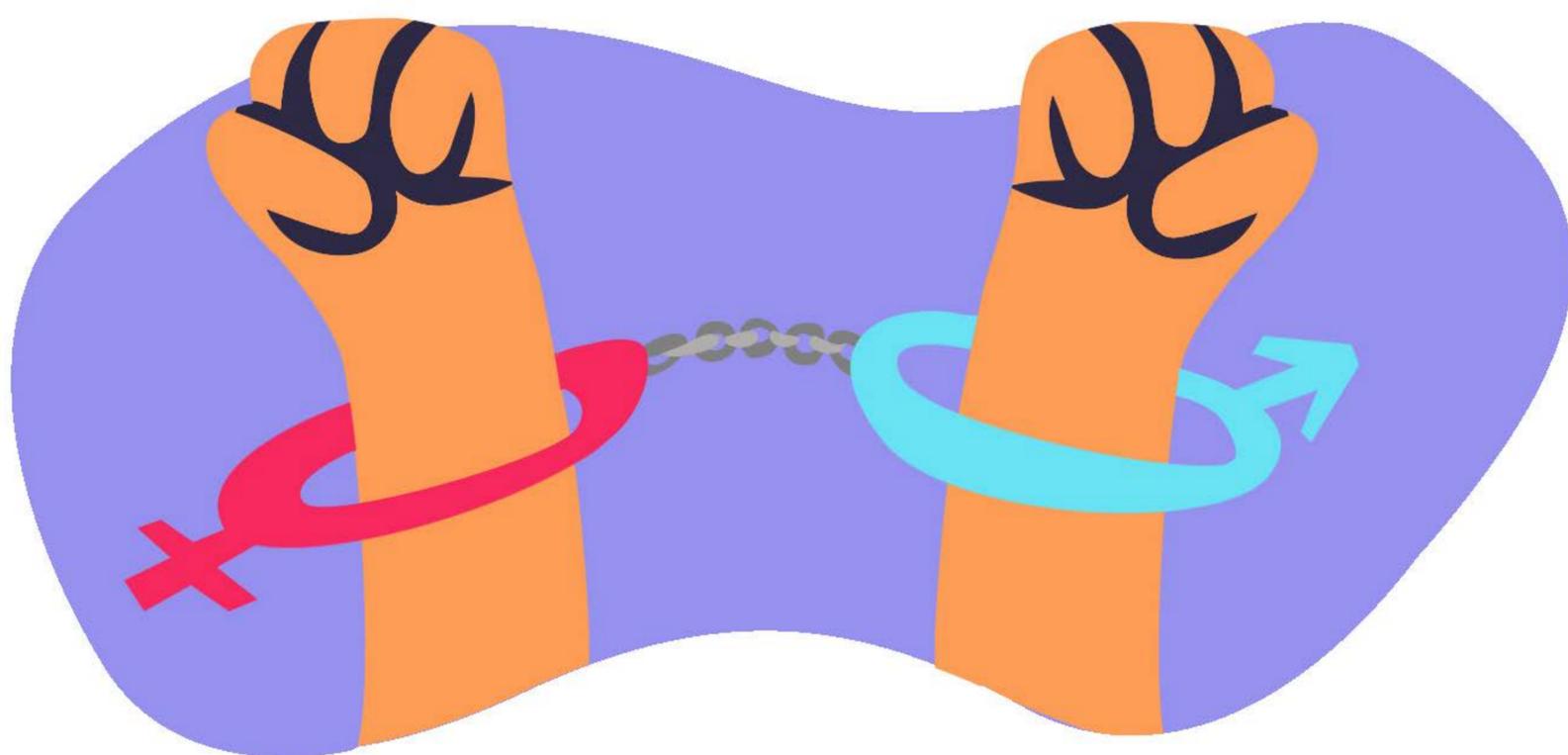


## Apresentação

O objetivo deste módulo é explorar e compreender as interseções entre esporte, corpo feminino e estereótipos de gênero. Apresentaremos como o esporte influencia as percepções e atitudes da sociedade em relação ao corpo feminino e os estereótipos de gênero a ele associados. Examinaremos o papel da sociedade e da mídia na formação da imagem corporal das atletas, as barreiras enfrentadas pelas mulheres na participação esportiva devido a esses estereótipos, e discutiremos a importância de implementar estratégias de inclusão e igualdade no universo esportivo. Por fim, estimularemos a reflexão sobre ações efetivas para um ambiente esportivo mais equitativo.



Historicamente, o esporte tem sido um campo repleto de representações e estereótipos de gênero. As práticas esportivas e corporais são territórios férteis para explorar as mudanças nas relações e as representações de gênero na sociedade contemporânea. Elas oferecem um palco para disputas sobre o que é permitido, impedido ou, muitas vezes, esperado dos nossos corpos. Com o esporte funcionando, tanto como um espaço de construção de novas formas de masculinidade, quanto como um campo de luta para as mulheres contra normas restritivas de feminilidade. Assim sendo, enquanto profissionais envolvidos com esporte e educação física, faz muito sentido discutirmos profundamente essas questões, visando compreendê-las minimamente para promover uma sociedade mais equitativa e justa.



## 2. Conceitos de gênero e estereótipos

Para progredir em nossa discussão, é fundamental recuar um pouco em nossa História. Isso nos permitirá alinhar conceitos fundamentais, garantindo que estejamos na mesma página antes de prosseguirmos com as reflexões. Tenhamos um princípio em mente: gênero requer uma nova definição.

Antes de prosseguirmos, vamos entender gênero como um conceito distinto de sexo, onde “sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, enquanto o gênero está intrinsecamente ligado à sua construção social como indivíduo masculino ou feminino” (LOURO, 1996, p.08).

Em meados do século XX, as identidades eram geralmente fixas e permaneciam constantes ao longo da vida (KNIJNIK, 2010). As pessoas frequentemente tinham seus destinos predeterminados pela situação social ou familiar e se ajustavam a esses papéis predefinidos. Essa concepção não se limitava apenas às identidades de gênero, mas se estendia a outras esferas da identidade.

Contudo, a partir da metade do século XX, essa concepção de destinos predefinidos começou a ser questionada devido a movimentos sociais e a transformações históricas que impactaram as sociedades ocidentais. As tradições foram desafiadas e novas ideologias sociais e culturais gradualmente moldaram o estilo de vida das pessoas nessas sociedades, tornando-as mais flexíveis e adaptáveis.

O conceito de gênero, como discutiremos, surgiu nesse contexto de transformação social e trouxe novos paradigmas para a compreensão da identidade. Portanto, para compreendermos bem as questões relacionadas a

gênero, faz-se necessário refletirmos brevemente sobre a questão da identidade e seu processo de construção.

Começamos pela compreensão e definição de “estereótipos”. O termo “estereótipos” tem suas raízes no grego, combinando “**stereo**” com “tipo”, significando “tornar fixo ou imutável” (FERREIRA, 2000). No entanto, ao aprofundarmos a análise dos estereótipos, é fundamental ir além de sua definição básica e entendê-los como um processo dinâmico. Dessa forma, podemos defini-los como “um processo de formação de impressões, que constitui um conjunto de avaliações afetivas, morais e instrumentais, elaboradas em relação a um indivíduo. Esse conjunto possui a capacidade de orientar o percebido em suas relações com o meio social” (BELO, et al., 2005, p.08).

Segundo Bhabha (2007), os estereótipos transitam entre “no lugar, já reconhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. Em síntese, ao compreendermos a dinâmica do gênero e dos estereótipos, abrimos espaço para uma análise mais abrangente das complexidades das identidades sociais e das expectativas que moldam nossas interações.

Por meio de um discurso que enaltece um determinado grupo étnico, cultural ou racial, valores são transmitidos de uma geração para outra. Enquanto isso, qualquer aspecto que não se encaixe nessa narrativa é frequentemente desconstruído, repudiado e visto com desconfiança. Como resultado, surgem estereótipos que associam uma ideia negativa ao que não corresponde aos padrões sociais preestabelecidos.

Ou seja, estereótipos desempenham papéis importantes na categorização e rejeição das diferenças, muitas vezes impondo uma estrutura de classificação que não captura a complexidade da realidade social.



### **3. Como os estereótipos de gênero impactam a vida das mulheres no esporte?**

Compreender a dinâmica entre gênero e estereótipos nos fornece uma base sólida para explorar como essas concepções influenciam a vida das mulheres no esporte. As identidades de gênero, que evoluíram ao longo do tempo, trazem consigo não apenas expectativas sociais, mas também limitações impostas por estereótipos enraizados. No contexto esportivo, esses estereótipos moldam não apenas a percepção da sociedade sobre as atletas femininas, mas também impactam diretamente suas experiências, oportunidades e a maneira como são tratadas dentro e fora do campo.

Silvana Goellner (2012), destaca que, historicamente as mulheres enfrentam condições desfavoráveis em termos de visibilidade e acesso ao esporte e à atividade física. Por exemplo, na cobertura de eventos esportivos, há uma “desimportância” notória em relação às mulheres, que acabam tendo um papel secundarizado, ou seja, menos visibilidade e menos atenção da mídia (SOUZA e KNIJNIK, 2007; JOHN, 2014).

Em contraposição ao esquecimento, muitas vezes, temos que lidar com a objetificação. Frequentemente, as atletas são retratadas de maneira a enfatizar sua aparência e beleza, em detrimento de suas habilidades e conquistas esportivas. Vejamos alguns casos:



Maria Sharapova, a russa multacampeã de tênis, dona de 36 títulos em sua carreira, sendo cinco Grand

Slams, a atleta mais bem paga do mundo por onze anos seguidos, segundo a revista Forbes, foi inúmeras vezes alvejada pela mídia esportiva por conta de... suas celulites<sup>1</sup>.



Além da objetificação evidente em casos como o de Sharapova, onde sua aparência física, em alguns episódios, recebeu mais atenção do que seus feitos esportivos, outro aspecto relevante diz respeito à vestimenta das atletas. A escolha do biquíni em esportes como o vôlei de praia frequentemente se torna um tópico de debate. Em 2021, a atleta brasileira de vôlei de praia, Carol Solberg, destacou essa questão declarando: “Usar ou não biquíni no vôlei de praia deveria ser uma escolha. A obrigatoriedade é machismo”. Na entrevista dada à Heloisa Tolipan, a atleta disse ainda: **“Essa regra surgiu muito pela visibilidade, achando que mulheres de biquíni na televisão, nos torneios, daria mais audiência, um absurdo total.** Os homens não precisam jogar de sunga, jogam de short, camisa. É querer ter esse olhar para o corpo da mulher. Me incomoda. Deveria ser

<sup>1</sup> Imagem retirada da página do Facebook: Empodere Duas Mulheres.

uma questão de opção individual e não algo imposto e obrigatório. Se a gente esmiuçar essa história a fundo vai entender como é o machismo que impera”. Para mais informações [clique aqui](#).

Outra forma como as mulheres são retratadas no esporte pode ser vista nessa capa de 1995 de um famoso jornal, à época, que diz: “Parabéns à torcida do timão pra você o NP preparou esta deliciosa homenagem com a modelo (...)”.



Reprodução da internet

A referência da mulher seminua, adjetivada como “deliciosa”, representa um dos papéis que são atribuídos às mulheres no ambiente do esporte, neste caso específico do futebol: as mulheres estão a serviço dos homens.

A mídia, portanto, contribui deliberadamente para a perpetuação de estereótipos e das desigualdades de gênero no esporte. Mas ela não está sozinha. As próprias competições e marcas patrocinadoras também desempenham um papel significativo nesta dinâmica, frequentemente reforçando padrões de gênero por meio de campanhas publicitárias e patrocínios que priorizam certos esportes ou atletas com base no gênero.

Em um torneio de squash, realizado em 2019, na Espanha, as atletas vencedoras receberam prêmios que incluíam um vibrador, um kit de depilação e um esfoliador elétrico. Elisabeth Sadó, uma das vencedoras, expressou indignação com a premiação que considerou extremamente sexista, observando que, em seus 29 anos de carreira esportiva, nunca havia recebido prêmios tão ofensivos e irrelevantes para o esporte. Para mais informações [clique aqui](#).



Reprodução da internet

Em 2021, a equipe feminina de handebol de praia da Noruega foi multada em 1,5 mil euros pela organização do campeonato europeu por se recusar a usar biquínis, preferindo shorts. Esse caso, é mais uma evidência da

problemática objetificação e das rígidas normas de vestimenta no esporte feminino por parte das federações e associações esportivas.

Esse caso da equipe norueguesa de handebol de praia, é um reflexo das barreiras mais amplas que as mulheres enfrentam no esporte. As consequências dos estereótipos de gênero estendem-se além da representação e tratamento das atletas femininas, impactando também diretamente a participação de meninas e mulheres no esporte. Estereótipos e preconceitos levam a menores oportunidades, recursos e incentivos para as mulheres no esporte, desencorajando frequentemente a participação delas desde a infância.



## 4. Estratégias para combater estereótipos de gênero no esporte

Para trabalhar os assuntos abordados anteriormente, como os estereótipos e a objetificação de atletas femininas no esporte, em um contexto de esporte educacional e de educação física escolar, professoras/as podem adotar algumas estratégias, como:

**Discussão reflexiva:** Inicie com discussões em sala de aula sobre os estereótipos de gênero no esporte. Use exemplos atuais e históricos, como o caso da equipe de handebol de praia da Noruega e a situação da atleta Maria Sharapova, para ilustrar como a mídia e as normas sociais influenciam a percepção sobre atletas femininas.

**Análise da mídia:** Encoraje os/as alunos/as a analisarem criticamente a cobertura esportiva em diferentes mídias, identificando como os atletas de diferentes gêneros são retratados. Isso pode incluir a análise de comentários, a escolha de imagens e a quantidade de cobertura dada aos eventos esportivos femininos em comparação com os masculinos.

**Ações transversais de conscientização:** Promova ações pedagógicas que visem aumentar a conscientização sobre a igualdade de gênero no esporte. Isso pode incluir campanhas de mídia social, pôsteres informativos ou eventos esportivos que celebrem e promovam atletas femininas.

**Jogos para ampliar a consciência social:** Utilize jogos e atividades práticas. No manual “Futebol para o Desenvolvimento para Multiplicadoras e Multiplicadores” (GIZ, 2016), você encontra sugestões para desenvolver

temas sociais, como igualdade de gênero, e ensinar habilidades para vida por meio do esporte. Tais jogos podem ser integrados nas aulas de educação física e projetos esportivos, criando um ambiente de aprendizado interativo e divertido, ao mesmo tempo que promovem valores de inclusão e respeito mútuo.



**Fonte: Sport for development**

**Debates criativos:** Uma das minhas atividades preferidas é a “Dinâmica do Tribunal”. Nessa dinâmica, alunos assumem os papéis de juiz, réu e acusador, debatendo e analisando casos hipotéticos ou reais relacionados a desigualdades e preconceitos no esporte.

**Atividades e competições mistas:** Promova atividades e competições esportivas mistas. Um exemplo inspirador é o “Futebol Callejero”, ou Futebol de Rua, em português. Nessa metodologia, mulheres e homens jogam juntos e o jogo se divide em três tempos: acordo de regras, o jogo em si, e uma reflexão pós-jogo sobre os valores como respeito e cooperação. Utilizado globalmente por organizações que defendem direitos humanos e justiça social, o Futebol Callejero também inclui eventos e programas como congressos e escolas de mediadores. Para saber mais, acesse o guia “FUTEBOL E CULTURA: práticas de futebol colaborativo e solidário”.



**FUTEBOL E CULTURA:  
práticas de futebol colaborativo e solidário**

**Fonte: Ação Educativa**

## 5. O caso Tiffany e o além do binário



Imagem: Divulgação/Adidas

Você já deve ter ouvido falar na Tiffany, uma mulher transgênero e jogadora de vôlei, que ficou conhecida por se tornar a primeira atleta brasileira transgênero a receber, em 2017, autorização da Federação Internacional de Vôlei (FIVB) para competir em equipes de mulheres.

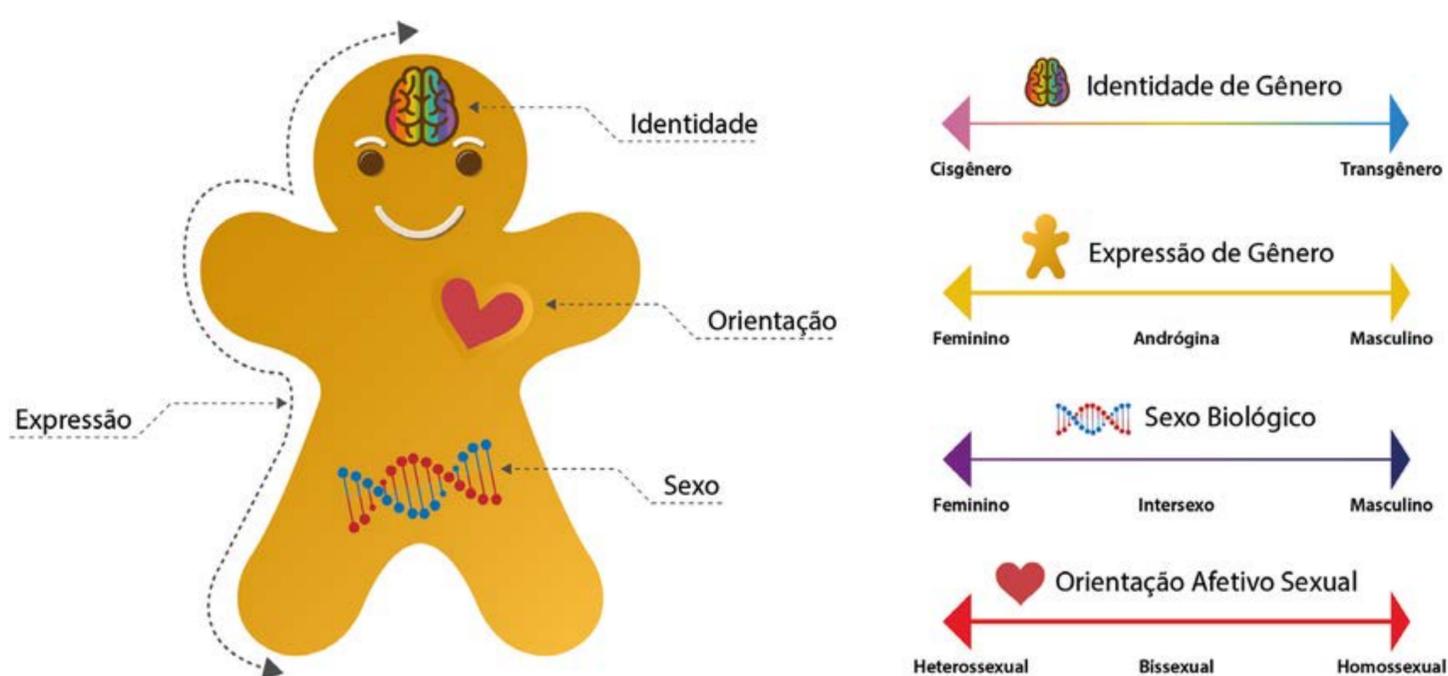
Em entrevista, Tiffany declara: “Já não aguentava mais viver de teatro para os outros. Para alguns, fazia bem me ver na forma masculina, mas fazia mal para mim. Eu não aguentava mais chorar a noite inteira, não ter relacionamentos. Se eu não me aceitava mais daquele jeito, quem iria me aceitar? Como alguém iria me amar sem saber quem eu era de verdade.” Para acessar a entrevista completa, [clique aqui](#).

A decisão da FIVB representa um marco na história do esporte, refletindo uma mudança progressiva nas políticas de inclusão. Este caso levanta questões importantes sobre a igualdade e a integridade esportiva, desafiando as percepções tradicionais de gênero no

esporte. Este movimento não apenas reconhece a identidade de gênero de Tiffany, mas também instiga uma discussão mais ampla sobre como o esporte pode se tornar mais inclusivo e respeitoso em relação à diversidade de gênero. Por outro lado, essa medida levantou preocupações sobre as possíveis implicações para a competitividade e a justiça nas categorias femininas, refletindo a complexidade e os desafios da questão da transexualidade/transgeneridade no esporte de alto rendimento.

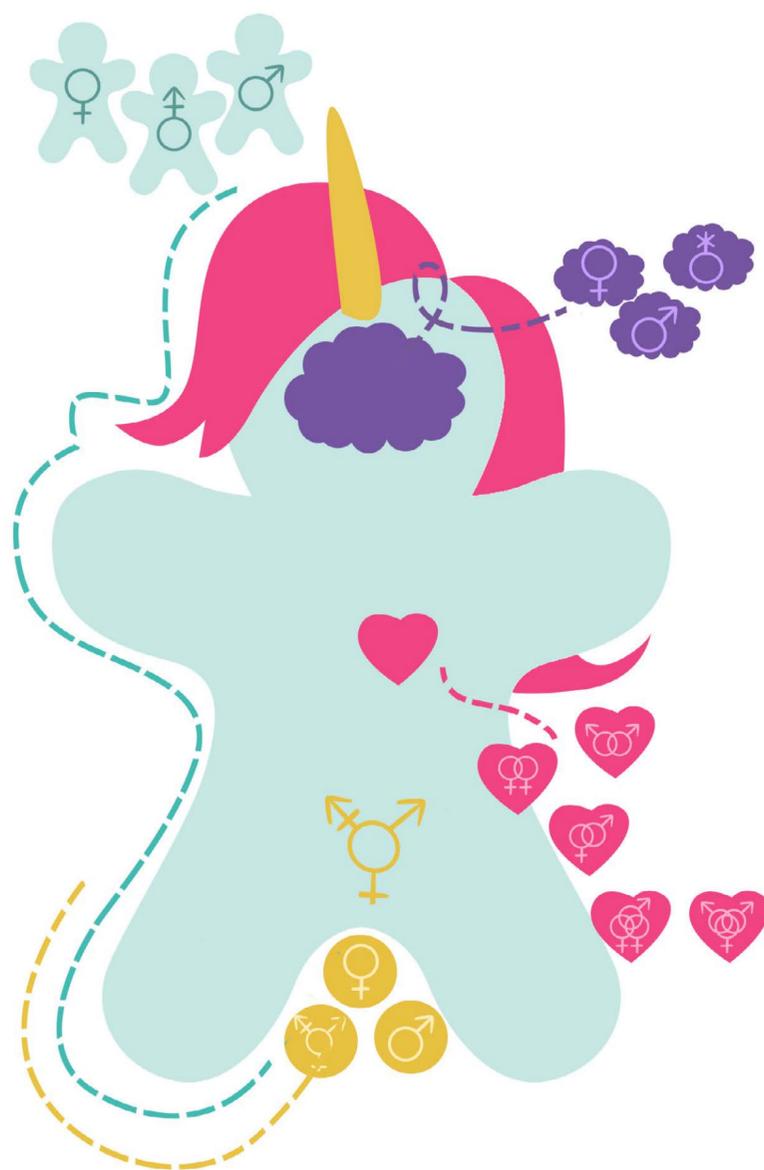
Não nos ateremos ao debate sobre as implicações de justiça e competitividade relacionadas à inclusão de atletas transgêneros como Tiffany no esporte de alto rendimento, pois considero que há fóruns mais adequados para isso. Contudo, esse caso abre uma oportunidade valiosa para explorar os conceitos do “Biscoito de Gênero” (RIO DE JANEIRO, 2019) ou do “Unicórnio de Gênero e Sexualidade” (TODXS, s.d.), recursos pedagógicos interessantes para quem busca compreender melhor as diversidades humanas.

## Biscoito de Gênero



**Fonte: Guia da Diversidade LGBT: saúde, atendimento e legislação (RIO DE JANEIRO, 2019)**

## Unicórnio de Gênero e Sexualidade



**Fonte: Unicórnio de gênero e sexualidade (TODXS, s.d.)**

O que as duas imagens nos revelam é a complexidade e a riqueza da diversidade humana em relação à identidade de gênero e sexualidade. O Unicórnio de Gênero e Sexualidade, em particular, destaca uma variedade de aspectos que constituem a experiência individual, indo além das categorias tradicionais, como as binaridades homem e mulher ou heterossexual e homossexual.

Primeiro, ele define gênero como os “papéis, comportamentos, expressões, atividades e atributos que uma cultura considera apropriados para homens, mulheres e pessoas não-binárias”, uma definição que não se limita ao sexo biológico e que é semelhante à abordagem adotada no início deste módulo. Além disso, o modelo nos mostra que as questões relacionadas a gênero são amplas, incluindo não apenas a identidade

de gênero, mas também a expressão de gênero, a orientação sexual e o sexo biológico. Esses elementos formam um espectro mais inclusivo e representativo da diversidade humana.

<b>Sexo biológico</b>	É a classificação que diz respeito às características biológicas (sexuais) que a pessoa tem ao nascer, com base na genitália, padrão de cromossomos, entre outros. Alguns exemplos: feminino, masculino e intersexo.
<b>Expressão de gênero</b>	É como a pessoa se manifesta publicamente, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, etc. Alguns exemplos: feminino, andrógino e masculino.
<b>Identidade de gênero</b>	É como reconhecemos o nosso gênero, que não necessariamente corresponde ao sexo biológico. Alguns exemplos: mulher (cis, trans e travesti), homem (cis e trans) e pessoas não-binárias (agênero, bigênero, gênero fluído).
<b>Orientação sexual</b>	É a atração sexual - involuntária e inerente - que uma pessoa sente por outras pessoas. Alguns exemplos: heterossexual, homossexual, bissexual, assexual.
<b>Orientação romântica</b>	É a atração romântica ou possibilidade de se apaixonar que uma pessoa pode sentir por outras pessoas. Não necessariamente envolve sexo, ou seja, não está relacionada diretamente com a orientação sexual. Alguns exemplos: heterromântica, birromântica, aromântica.

A esta altura, você deve estar se perguntando: “Certo, mas o que isso tem a ver com esporte?”. A resposta é que tem tudo a ver. A trajetória de Tiffany e os conceitos como o Unicórnio de Gênero e Sexualidade nos mostram que as questões de gênero e diversidade sexual são intrínsecas ao esporte, permeando as experiências de atletas e espectadores.

Para avançarmos e construirmos um esporte para todas, todos e todes, é fundamental compreendermos esses diferentes conceitos e aplicá-los na prática

esportiva. Isso implica em criar ambientes inclusivos, onde a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais são reconhecidas e respeitadas. A transformação começa pela educação e sensibilização de atletas, treinadores/as e público em geral, promovendo a igualdade e combatendo os estereótipos e preconceitos. Assim, o esporte pode se tornar um espaço verdadeiramente representativo e acolhedor para todos, refletindo a riqueza da diversidade humana.

## Referências

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CONNELL, Raewyn. **“Mulheres transexuais e o pensamento feminista”**. In CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn. **“Excepcionalmente sãs: Psiquiatria e mulheres transexuais”**. In CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: n.Versos, 2016.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade - O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero**.

Cadernos Sempreviva. São Paulo: SOF (Sempreviva Organização Feminista), 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Ver. Bras. Educ. Fís. Esp. São Paulo, v.19 n.2, abr/jun.2005.

\_\_\_\_\_. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: Esporte, Eugenia e Nacionalismo no Brasil no início do Século XX. Revista de

História do Esporte, v.1, nº1, 2008.

\_\_\_\_\_. Prefácio. **Memórias olímpicas: a vez e a voz das mulheres**. In: RUBIO, Katia (Org.). Asmulheres e o esporte olímpico brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 5-9.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. (Sport: História) – Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

JOHN, V. M. **Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como**

KESSLER, Cláudia Samuel (org.). **Mulheres na Área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

**fonte de notícias na cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Esporte e Mídia**. v.11, n.2, 2014.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Nas redes do conceito gênero**. In: LOPES, M.J.; MEYER, D.; WALDOW, V. (Orgs.). Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. 2018. 157f. Dissertação (Cultura e Sociedade) - Departamento Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2018.

SOUZA, J. S. S., & KNIJNIK, J. D. **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil . Revista Brasileira De Educação Física E Esporte**. v.21, n. 1, p. 35-48, 2007.



## Sobre a autora

**Carolina Moraes** é socióloga, mestra em Cultura e Sociedade pela UFBA, com pesquisas sobre futebol, gênero, torcidas e direitos humanos, atua como consultora de projetos relacionados ao tema Esporte e Cidadania. É idealizadora da comunidade: Elas na Torcida. Coordenou as Redes: Brasileira de Futebol e Cultura e Futebol de Rua - Ações que viabilizaram a sua participação e coordenação de eventos como: Mundial de Futebol de Rua, 2014 e Copa América de Futebol de Rua, 2015.



APOIO



PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

